



IVETE IRENE DOS SANTOS

★19/09/1977 †27/09/2021



Muito obrigado, prô!





Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 20 de Setembro de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Thaís Thomas Bovo

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS)

Ana Paula Mariano da Silva

Delmira Moreira da Cruz

Djinane de Almeida Amorim

Elida Eunice da Silva

Gladys Aparecida da Silva

Jonatas Hericos Isidro de Lima

José Luís André António

José Wilton dos Santos

Manuel Francisco Neto

Maria Aparecida da Silva Rocha

Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina

Paulo Cordeiro Leite

Silvana Fátima Boni Morato

Vilma Maximiano Vieira

Wilder Dala Quinjango



São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomas Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adelson Batista Lins

Prof. Esp. Ana Paula de Lima

Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza

Prof. Dra. Denise Mak

Prof. Me. Isac dos Santos Pereira

Prof. Me. Ivete Irene dos Santos

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara

Prof. Dra. Thais Thomaz Bovo

Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado

José Roberto Tenório da Silva

Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887

Whatsapp: (11) 99543-5703

primeiraevolucao@gmail.com

https://primeiraevolucao.com.br

São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com

Luanda - Angola

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Filiada à:



Publicada no Brasil por:

Edições Livro Alternativo

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 20 (set. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

114 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.19>

www.primeiraevolucao.com.br

05 APRESENTAÇÃO

Profa. Andréia Fernandes de Souza

07 HOMENAGEM Ivete Irene dos Santos

COLUNAS

12 A caminho da escola

Ivete Irene dos Santos

14 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

ARTIGOS

1. A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	19
Ana Paula Mariano da Silva	
2. O VALOR DA LITERATURA INFANTIL	23
Delmira Moreira da Cruz	
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	31
Djinane de Almeida Amorim	
4. INCLUSÃO SOCIAL NAS ESCOLAS: A LEI E A REALIDADE EM SALA DE AULA	39
Elida Eunice da Silva	
5. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM	49
Gladys Aparecida da Silva	
6. EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: SEUS PRINCÍPIOS E VALORES	53
Jonatas Hericos Isidro de Lima	
7. A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO RENDIMENTO ESCOLAR DOS ESTUDANTES	59
José Luís André Ant3nio	
8. ALGUMAS CONTRADIÇÕES HUMANAS	63
Emily Reis Rodrigues, Isabella Silva Pedrosae Prof. Jos3 Wilton dos Santos	
9. CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS E A RELAÇÃO COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS	71
Manuel Francisco Neto	
10. AS APRENDIZAGENS E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	75
Maria Aparecida da Silva Rocha	
11. AS HISTÓRIAS INFANTIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	81
N3dia R3bia Oliveira Magalh3es Pina	
12. A PROVISÃO E O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO ANGOLANA: COMO AFETA O DIA A DIA DO PROFESSOR?	85
Paulo Cordeiro Leite	
13. A ARTE FACILITANDO A INCLUSÃO ESCOLAR	89
Silvana de F3tima Boni Morato	
14. A IMPORT3NCIA DO "FEEDBACK" NA EDUCAÇÃO A DIST3NCIA	97
V3lma Maximiano Vieira	
15. A EDUCAÇÃO FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DE VALORES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO NO BAIRRO CAOP-B-VIANA - LUANDA - ANGOLA	109
Wilder Dala Quinjango	



AS APRENDIZAGENS E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA APARECIDA DA SILVA ROCHA

RESUMO: Nesta pesquisa buscou-se tecer o acolhimento das crianças com necessidades especiais de aprendizagem ao investigar o histórico de crianças com dificuldades neste sentido, sendo elas portadoras de necessidades especiais. Aqui é apresentado o brincar como forma de aprendizagem, uma vez que a brincadeira se mostra um aporte para todas as crianças com dificuldades cognitivas. As particularidades que envolvem cada criança geram um desafio adicional para as escolas e psicoterapeutas, pois muitas vezes os cursos de graduação e especialização dos professores não lhes dão formação específica para a inclusão. Vivenciamos um momento em que amplamente debatemos a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente na rede regular de ensino. A legislação é explícita quanto à obrigatoriedade em acolher e matricular todos os alunos, independentemente de suas necessidades ou diferenças. Diante desta obrigatoriedade, muitas questões emergem principalmente relacionados à família e à escola. Entretanto, deve-se pensar que só o acolhimento não seja suficiente, mas que a criança com necessidades educacionais especiais tenha condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades dentro da Educação Infantil. Refletindo sobre tal problemática, se considera discutir sobre o processo de inclusão como um aspecto que foca nas aprendizagens e os acompanhamentos das famílias.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Brincadeiras. Espaços. Materiais.

INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema muito discutido em todas as unidades escolares, alguns ainda acham difícil de ser realizada nas condições atuais das escolas. Porém existe uma legislação que garante a inclusão de crianças especiais em todos os níveis de ensino. Quando se pensa no processo de inclusão isso se torna ainda mais desafiador, mas alguns educadores vêm se mostrando mais flexíveis e acolhedores para as crianças com necessidades especiais.

Ao trazer este tema para debate, tem-se como objetivo desencadear reflexões sobre a inclusão real e como a aprendizagem ocorre para os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) ou aqueles que apresentam dificuldades nas aprendizagens que estão na Educação Infantil. Trata-se também de como o Currículo pode ser adaptado para estas crianças. É fato que a presente pesquisa pode justificar-se pela importância da educação inclusiva na formação e desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais de aprendizagem e como esta pode ser amparada pelas conquistas de novas experiências em seus espaços terapêuticos.

Pensar em como atender tanto crianças com necessidades especiais quanto as crianças com dificuldades de aprendizagem na escola e nos espaços terapêuticos exige entender como ocorre o desenvolvimento e as interações destas crianças. NOTBOHM (2005) chama a atenção para o auxílio necessário e fundamental nas interações sociais destas crianças. Estruturar e definir o começo e o fim das atividades pedagógicas pode contribuir para a participação da criança, uma vez que expressões faciais, emoções e linguagem corporal são, em sua maioria, mais complicadas para a criança entender. Vale ressaltar dois aspectos para que esta adaptação e aprendizagem sejam pontuais e eficazes: conhecer o diagnóstico e realizar adaptações curriculares e parcerias para que o desenvolvimento entre nesta rede de apoio. Muitas escolas são acolhedoras, mas uma inclusão de qualidade, projeto pedagógico bem elaborado e profissionais qualificados ainda caracterizam uma busca constante para a gestão e docência.

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO

As crianças muitas vezes têm dificuldade em aprender de maneira tradicional. É preciso entender que as crianças aprendem de maneira diferente e podem precisar de apoio extra em áreas específicas que o educador pode auxiliar como:

- Compreensão: algumas crianças têm dificuldades na compreensão, organização e planejamento da linguagem. Pode ser um desafio entender o que está acontecendo em uma história;
- Perspectiva: uma criança com dificuldade de aprendizagem pode não entender como funcionam os pensamentos e sentimentos dos outros, e não entender a motivação dos personagens nos livros, por exemplo;
- Atenção: em alguns momentos, a criança com necessidades especiais ou com dificuldades na aprendizagem sentem dificuldades em manter o foco e a atenção na história, além de sentirem dificuldade em compreender a história geral às vezes.

Existem técnicas de aprendizagem específicas que podem ser realizadas e que ajudam nesse processo de aprendizagem. Entre elas está a metodologia fônica, ou seja, primeiro são ensinados os sons de cada letra até chegar à pronúncia da palavra e permite que a criança consiga ler. Destacar o som das letras pode tornar o processo de aprendizagem mais simples e efetivo. Há muitas habilidades iniciais de terapias e brincadeiras que são essenciais para as crianças desenvolverem a adaptação. Entre elas destacam-se a conversa; o conhecimento de uma variedade de palavras; compreensão de histórias e a inclusão integrada com a família.

Para conseguir ler e escrever, a criança precisa conhecer o maior número de palavras possível para facilitar a aprendizagem. Também necessita compreender histórias e entender que as letras compõem as palavras, lidas da esquerda para a direita. Além disso, precisam compreender que as palavras podem ser divididas em sílabas e sons menores e que as letras correspondem a certos sons. Por outro lado, a escola deve promover habilidades de integração da família, incluindo na rotina sempre que possível algumas atividades que estimulem a adaptação e colham informações sobre a criança que possam ajudar nesse processo.

Segundo Kishimoto (1993), nas instituições de educação infantil, o trabalho aponta a ampla gama de possibilidades que as brincadeiras trazem para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender, e revelam os espaços e tempos destinados pelos professores e pelas escolas às atividades lúdicas cotidianamente. Dessa forma, produzem a reflexão sobre o brincar, compreendendo-o como atividade fundamental da infância que possui um papel primordial no seu desenvolvimento, uma vez que está na gênese do pensamento e, portanto, implica a possibilidade de criar e transformar o mundo.

As brincadeiras tradicionais que encantam e fazem parte do cotidiano de várias gerações de crianças estão desaparecendo na atualidade devida às transformações do ambiente urbano, da influência da televisão e dos jogos eletrônicos. Pesquisas atuais mostram a importância de resgatar as brincadeiras tradicionais na educação e na socialização da infância, pois brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos, obedece às regras traçadas pelo grupo, aprende a ganhar e aceitar as perdas, cultiva a fantasia, vivencia a amizade e a solidariedade, desenvolve a atenção, equilíbrio e a coordenação motora.

Tal dinâmica facilita muito sua aprendizagem, em todas as experiências que a criança possa vivenciar e ajuda a formar pessoas mais solidárias. Mostrar os benefícios que as brincadeiras no espaço terapêutico trazem ao desenvolvimento infantil, tanto emocional como cognitivo, abre espaço para todos os tipos de brincadeiras dentro da escola, já que esta faz parte da cultura das crianças, e permite que as vivências constituam em experiências vivas, agradáveis e enriquecedoras no ambiente da Educação Infantil.

Segundo FRIEDMANN (1996, p.18) o que acontece no decorrer de uma atividade lúdica depende, sobretudo, das ações da criança num tempo e espaço determinados, com ou sem parceiros, com ou sem objetos de brincar. A aprendizagem da criança vive em constante mudança, mas o prazer de brincar não muda. Não basta brincar por brincar, este ato precisa ter objetivos específicos e um projeto a ser desenvolvido. O autor relata ainda que a prática de brincar não seja somente física e motora, mas intelectual, trabalhando constantemente com o ato de raciocinar. A brincadeira tem que ser espontânea e ao mesmo tempo regulamentada.

A brincadeira infantil em seu conteúdo imaginário e narrativo parece se enriquecer grandemente com suportes variados e coerentes colocados à sua disposição, sendo preciso distingui-los em dois níveis de acessórios. De um lado, trata-se da brincadeira de papéis: a criança, com a ajuda de seu corpo, desempenha um papel. Do outro, o brinquedo é mais do que um instrumento de brincadeira, ele traz para a criança não só um meio de brincar, mas também imagens, representações, universos imaginários. Ele estrutura o conteúdo da brincadeira sem, no entanto, limitar a criança, muitas vezes induzida a tomar grandes liberdades (BROUGÈRE, 1995, p. 83).

As brincadeiras infantis revelam um conteúdo riquíssimo que pode ser usado para estimular o aprendizado. É o contexto social que determina quais serão as brincadeiras e o modo como elas serão realizadas. Segundo BROUGÈRE (1995) os pequenos se baseiam na realidade imediata para criar um universo alternativo, que ele batizou de “segundo grau” e no qual o faz de conta reina absoluto. Graças a um acordo entre os participantes, mesmo os muito pequenos, todos sabem que aquilo é de brincadeira. Assim, fica fácil decidir quando parar. Pelo mesmo motivo, um jogo não pode ser nem muito entediante nem muito desafiante ao ponto de provocar ansiedade.

A primeira característica é a que se refere ao faz de conta. Toda brincadeira começa com uma referência a algo que existe de verdade. Depois, essa realidade é transformada para ganhar outro significado. A criança assume um papel num mundo alternativo, onde as coisas não são de verdade, existe um acordo que diz não estamos brigando, mas fazendo de conta que estamos lutando. A segunda característica é a decisão. Como tudo se dá num universo que não existe ou com o qual só os jogadores estão de acordo que exista, no momento em que eles param de decidir, tudo para. É a combinação entre o “segundo grau” e a decisão que forma o núcleo essencial da brincadeira. A esses dois elementos, podemos acrescentar outros três.

Para começar, é preciso conhecer as regras e outras formas de organização do jogo. Além disso, o brincar tem um caráter frívolo, ou seja, é uma ação sem consequências ou com consequências minimizadas, justamente porque é “de brincadeira”. Por fim, o brincar tem de se desenvolver em aberto, com possibilidades variadas. Quando todos sabem quem vai ganhar, deixa de ser um jogo e nesse ponto é o contrário de uma peça de teatro, que também é “de brincadeira”, mas que sabemos como acaba. Tendo tudo isso posto, pretende-se apresentar brincadeiras e jogos que podem ser usados nos espaços terapêuticos como forma de aprendizagem.

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

Se pensarmos que as brincadeiras e jogos desenvolvem a criatividade, atenção, raciocínio lógico e lateralidade, os educadores podem e devem aproveitar este benefício dos jogos e brincadeiras em atendimentos terapêuticos.

Segundo Souza (2005, p.12), Quando a criança brinca, ela externaliza muitas vezes as questões vivenciadas no dia a dia. Além de incentivar regras, pode-se usar os jogos e as brincadeiras na intervenção e aproveitar a oportunidade para criar momentos e espaços onde essas brincadeiras e jogos se transformem em situações problemas, em que a criança deverá solucioná-los de maneira que envolva a análise de suas ações.

Ao brincar, as crianças são desafiadas a situações novas ou incongruentes, construídas de diferentes formas, onde elas exploram e fazem encaminhamentos inovadores com diferentes parceiros, independente de elas terem ou não necessidades especiais específicas de aprendizagem. As brincadeiras também podem estimular as crianças a ocuparem e exercerem o controle sobre si mesmas, além de diferenciar e confrontar os adultos e a cultura do seu mundo. Preparar os espaços para estas crianças deve estar na prática do professor de Educação Infantil.

Inserir materiais como livros, materiais plásticos, instrumentos, objetos sonoros e um repertório musical deve fazer parte do cotidiano das crianças, assim como todo tipo de material de longo alcance como caixas, colheres, panelas e copos de modo a facilitar os jogos simbólicos também. Prever as interações entre as crianças e delas com os objetos, sem que uma atrapalhe a outra, ser acessível sem apresentar perigos, com os riscos controlados e o acesso a espaços e materiais sem constantes restrições por parte dos adultos é extremamente importante para não inibir as investidas espontâneas e corajosas das crianças.

Segundo Barbosa (2009, p.52), todas as formas de brincadeira aprendidas pelas crianças são enriquecidas com o trabalho feito no conjunto das experiências por elas vividas nas outras dimensões, como a linguagem verbal e a contagem de histórias, a dimensão das linguagens artísticas e dos saberes que a criança vai construindo enquanto pensa o mundo social e o mundo da natureza, e a dimensão do conhecimento de medidas, proporções, quantidades. Em muitos casos, as brincadeiras e jogos colaboram para a melhoria do desempenho desses pequenos pacientes. Ao observar uma criança brincando e jogando pode-se haver intervenções sutis ou diretas para esta perceber aos poucos que algumas de suas atitudes são inadequadas e desta forma construirá outros esquemas de ação, superiores aos adotados anteriormente.

Algumas intervenções surtem efeitos nas atitudes realizadas na vida real. Alguns comportamentos como atenção, equilíbrio e tomada de decisão são desenvolvidas através dos jogos, e depois tornam-se

evidente numa ação cotidiana. O brincar cria situações em que a criança libera suas emoções que, em outras situações, ela conseguiria esconder. Porém respeitar o tempo da criança e como ela interage e aprende se faz importante. Se anteciparmos, acelerarmos ou interrompermos, os aprendizados não se constituem. Hoje, isso é fato que uma organização intencional dos espaços terapêuticos são meios de ampliar determinados saberes e conhecimentos.

Podemos citar os jogos simbólicos, que muitos estudiosos defendem como parte importante para o desenvolvimento da criança. Para VYGOTSKY (1984) o jogo não se trata apenas de uma atividade frívola que se faz por prazer. Ao contrário, o jogo coloca desafios cognitivos dos mais importantes e pode ser entendido como espaços de construção da sua subjetividade e de conhecimento sobre o mundo. Assim também nos lembra BROUGÈRE (1995):

A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem à mão e com o que tem na cabeça. Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria. Algumas pessoas são tentadas a dizer que eles a condicionam, mas, então, toda brincadeira está condicionada pelo meio ambiente. Só se pode brincar com o que se tem, e a criatividade, tal como a evocamos, permite justamente ultrapassar esse ambiente, sempre particular e limitado. O educador pode, portanto, construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados. Não se tem certeza de que a criança vá agir com esse material como desejaríamos, mas aumentamos, assim, as chances de que ela o faça; num universo sem certezas, só podemos trabalhar com probabilidades (BROUGÈRE, 1995, p.90).

Ao representar ações cotidianas, a criança traz para o espaço escolar momentos que podemos intervir e ajudá-la a resolver as dificuldades apresentadas. Também pode ser feito o emprego de jogos cognitivos, propondo a intersecção entre os conceitos de jogos, diversão e cognição. Desse modo, parte-se do reconhecimento da contribuição que os jogos oferecem ao desenvolvimento humano e coloca-se ênfase nos aspectos cognitivos. A cognição entendida nesse contexto como a aquisição, o armazenamento, a transformação e aplicação do conhecimento (MATLIN, 2004) envolve uma diversidade de processos mentais, a saber: memória, percepção, raciocínio, linguagem e resolução de problemas.

Os jogos de tabuleiro são objetos importantes nas ações nos consultórios terapêuticos, pois desenvolvem as potencialidades do raciocínio. Nesse sentido, as habilidades cognitivas podem ser entendidas como as capacidades que tornam o sujeito competente e lhe permite interagir simbolicamente com o meio. As habilidades cognitivas permitem, por exemplo, discriminar objetos, identificar e classificar conceitos, levantar problemas, aplicar regras e resolver problemas, e propiciam a construção e a estruturação contínua dos processos mentais (GATTI, 1997).

Por isso vimos a importância do brincar e do jogar na infância. Nas brincadeiras as crianças conseguem resolver questões que podem estar atrapalhando seu desenvolvimento cognitivo e emocional. O brincar nos espaços terapêuticos devem ser vistos, portanto, como base na qual as crianças desenvolvem o espírito construtivo, a imaginação, as faculdades de sistematizar emoções e abstrair e a capacidade de interagir e resolver questões que muitas vezes não estão aparentes, abrindo caminhos para um desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, foi percebido que a Educação Infantil é o lugar onde as crianças vivenciam experiências significativas, a beleza das descobertas, das aprendizagens, das interações com o outro e com o mundo, a inserção ao mundo letrado. Além disso, é o lugar da infância, do respeito às multiplicidades e singularidades, e principalmente do respeito e consideração aos contextos sociais, históricos e culturais de cada um, configurando a existências de múltiplas infâncias e de várias formas de ser criança.

Expôs-se as dificuldades cognitivas para o desenvolvimento e aprendizagem e no relacionamento e interações das crianças nos espaços da escola, onde a utilização de estratégias pedagógicas específicas para crianças com dificuldades de aprendizagem e com necessidades especiais somente será possível com a família inserida no contexto escolar. Para que aprendizagem aconteça é preciso criar mecanismos para utilizar o conhecimento que a família possui, para isso é preciso ter definidos os objetivos e saber escolher quais as atividades mais adequadas às necessidades das crianças para que seu desenvolvimento aconteça. Os professores podem usar as brincadeiras nos espaços terapêuticos como atividades de interação para auxiliar as crianças em suas descobertas e aprendizagens. A discussão sobre a aprendizagem

na Educação Infantil ultrapassa o âmbito da educação especial, pois ao pensar uma escola para todos, questiona-se a própria constituição das interações nesse espaço e nas relações da sociedade como um todo.

É preciso oportunizar que todas as crianças participem da experiência que incentive a aprendizagem e, se preciso for, mudar a rotina de modo a proporcionar a participação e inclusão de todos dentro e fora dos muros da escola. Aos educadores, atribui-se a tarefa de empreender tentativas e gradativamente ir oferecendo experiências que as crianças gostem e possibilitem a elas escolher vivências, e que as outras crianças convidem para participar das atividades planejadas nos espaços de convivência. Os espaços podem e devem ser desafiadores, estimuladores, aconchegantes, que despertem o interesse, participação, proporcionando o brincar, criar, imaginar, construir suas brincadeiras, permitindo a produção de conhecimento durante a brincadeira, para que a criança supere seus limites e construa suas potencialidades, desenvolvendo diferentes áreas de conhecimento de forma cognitiva e motora.

Olhar atento à criança se torna fundamental no acompanhamento da aprendizagem para que ocorram as interações, mesmo que ainda não interfira, a não ser quando solicitada ou para ampliar e desafiar seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GATTI, B. **A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender. Resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996. 128p.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens-1938**. Tradução de J.P. Monteiro. São Paulo Perspectiva, 1971.
- NOTBOHM, Ellen. **Dez Coisas que Toda Criança com Autismo Gostaria que Você Soubesse**. 2005.
- MATLIN, E. **Psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.
- KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 183p.
- VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.



Maria Aparecida da Silva Rocha

Pedagoga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Licenciatura Plena em Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Pós-graduação em Educação Artística pela Faculdade Unidas de Tatuí, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



PEDRO DA CONCEIÇÃO

assados, compreender o
ver sua própria história

DESTAQUE
DIFICULDADES DO ENSINO

APOSENTADORIA DOS PROFESSORES E A REFORMA

Prof.ª Tatiana

www.primeiraevolucao.com.br



ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Filiada à:



AUTORES(AS):

- Ana Paula Mariano da Silva
- Delmira Moreira da Cruz
- Djinnane de Almeida Amorim
- Elida Eunice da Silva
- Gladys Aparecida da Silva
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- José Luís André António
- José Wilton dos Santos
- Manuel Francisco Neto
- Maria Aparecida da Silva Rocha
- Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina
- Paulo Cordeiro Leite
- Silvana Fátima Boni Morato
- Vilma Maximiano Vieira
- Wilder Dala Quinango

doi <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.20>



Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

